



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ORIENTAIS E ESLAVAS

LUDMILA DA SILVA VIEIRA

O JAPÃO MULTICULTURAL VERSUS O NIHONJINRON: uma análise das
mudanças na percepção de cultura japonesa

Rio de Janeiro

2022

LUDMILA DA SILVA VIEIRA

O JAPÃO MULTICULTURAL VERSUS O NIHONJINRON: uma análise das
mudanças na percepção de cultura japonesa

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para a obtenção do
título de Bacharel em Letras com habilitação
em Português-Japonês.

Orientador: Prof. Dr. João Marcelo Amaral
Reimão Monzani

Rio de Janeiro

2022

FOLHA DE APROVAÇÃO

LUDMILA DA SILVA VIEIRA

O JAPÃO MULTICULTURAL VERSUS O NIHONJINRON: uma análise das
mudanças na percepção de cultura japonesa

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para a obtenção do
título de Bacharel em Letras com habilitação
em Português-Japonês.

Data de avaliação: _____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. João Marcelo Amaral Reimão Monzani - Presidente da Banca Examinadora
Faculdade de Letras/Universidade Federal do Rio de Janeiro

NOTA: _____

Profa. Dra. Karla Louise de Almeida Petel - Leitora Crítica
Faculdade de Letras/Universidade Federal do Rio de Janeiro

NOTA: _____

MÉDIA: _____

Assinatura dos Avaliadores:

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família, por todo o amor, paciência e compreensão. Meus pais, Ana Márcia e Edson, e minha tia Kátia, por sempre me apoiarem e me fazerem acreditar que sou capaz. Minha irmã Beatriz, por ser a maior fonte de força, carinho e suporte emocional nos momentos mais difíceis. E aos queridos Sansão e Akira, que alegram minha vida todos os dias.

Agradeço aos preciosos amigos que estiveram comigo nessa jornada no curso de Japonês: Amanda, Elene, Guilherme, Jennyfer, Juliana, Luana e Rafaela. E também às minhas amigas (quase irmãs): Rebeca, Rafinha e Renata. Não é exagero dizer que eu jamais conseguiria estar aqui hoje se não fosse por todo o apoio, companheirismo, carinho e amizade de vocês.

Agradeço imensamente ao meu professor e orientador João Marcelo Amaral Reimão Monzani por ter compartilhado seus conhecimentos comigo de forma tão compreensiva e gentil, além de todo o respeito, apoio e incentivo durante esses anos. Também gostaria de agradecer à professora Eli Aisaka Yamada por ter expandido meus horizontes sobre pesquisa e cultura japonesa durante a graduação.

Por fim, gostaria de agradecer a todas as pessoas que passaram por minha vida nos últimos anos e geraram um impacto positivo de alguma forma. Mesmo a mais simples palavra de apoio e gentileza certamente fez a diferença.

RESUMO

VIEIRA, Ludmila S. **O JAPÃO MULTICULTURAL VERSUS O NIHONJINRON**: uma análise das mudanças na percepção de cultura japonesa. Trabalho de Conclusão do Curso de Letras: Português-Japonês. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

O presente trabalho objetiva analisar, de forma comparativa, as diferenças entre a perspectiva de vertentes anteriores e modernas de estudos japoneses. As primeiras, baseadas em teorias de singularidade étnica e cultural (ou *nihonjinron*), apresentam o Japão como um país étnica e culturalmente homogêneo. Já as modernas, que contemplam a pluralidade do Japão, apresentam-no como uma nação multiétnica e multicultural, levantando ainda questões que seriam problemáticas no pensamento baseado em *nihonjinron*, como o apagamento de minorias e falhas no essencialismo pregado por essa vertente. A partir disso, este estudo busca identificar as mudanças que houveram entre elas, e se obras anteriores baseadas em *nihonjinron* ainda se sustentam como base para estudos japoneses no cenário atual. Para tal, foi feita uma análise crítica de uma das obras mais significativas do *nihonjinron*, *O Crisântemo e a Espada*, abordando três pontos principais: a metodologia de pesquisa utilizada pela autora, a construção do Japão como oposição dos Estados Unidos, e o uso de termos nativos como base para a definição dos japoneses.

Palavras-chave: Cultura japonesa. Nihonjinron. Estudos japoneses.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 O JAPÃO SOB O OLHAR MODERNO	8
2.1 A CRIAÇÃO DE UMA IDENTIDADE NACIONAL	8
2.2 AS PROBLEMÁTICAS DO NIHONJINRON	10
2.2.1 APAGAMENTO DE MINORIAS	10
2.2.2 ESSENCIALISMO E SINGULARIDADE	13
2.3 MUDANÇAS NOS DIAS ATUAIS	15
3 ANÁLISE CRÍTICA DE “O CRISÂNTEMO E A ESPADA”	18
3.1 INTRODUÇÃO À OBRA	18
3.2 METODOLOGIA DE PESQUISA	19
3.3 O JAPÃO COMO OPOSIÇÃO	21
3.4 TERMOS NATIVOS	23
4 CONCLUSÃO	25
REFERÊNCIAS	27

1 INTRODUÇÃO

A cultura japonesa tem sido objeto de estudo há muitos anos. De estrangeiros admiradores do país até o próprio governo japonês, muitos tentaram definir o que seria a “cultura japonesa” e, além disso, como seria o Japão e seu povo. A visão predominante colocava certos elementos como símbolos culturais, abrangendo cultura pop (cinema, música, *mangá* e *anime*), artes marciais, esportes (*judô* e *sumô*) e práticas culturais (*ikebana*, cerimônia do chá e *origami*). Também incluía elementos da natureza (quatro estações bem definidas, estação das chuvas, flores de cerejeira) e elementos sociais e étnicos (cultura coletivista baseada em vergonha, sociedade de estrutura vertical, e assim por diante).

Esses elementos, acompanhados de teorias da singularidade cultural ou racial do povo japonês (também conhecidas como *nihonjinron*), influenciaram diversos estudos e percepções sobre o Japão, colocando-o como um país único, homogêneo e monocultural. Contudo, alguns estudiosos argumentam que tais percepções não apenas limitaram a abrangência de culturas, povos e influências no Japão, como também obscureceram importantes diferenças e tensões nele (GORDON, 2003).

Diante do contexto apresentado, buscou-se responder a seguinte questão: Quais são as diferenças entre as visões sobre a cultura japonesa anteriores, baseadas em *nihonjinron*, e as modernas? Ainda é válido utilizar obras fundamentadas em *nihonjinron* como base para estudos japoneses em dias atuais? O objetivo não é buscar uma definição concreta do que seria uma “cultura japonesa”, e sim pontuar as mudanças entre as percepções apresentadas em diferentes momentos por estudiosos da área, observando como elas se enquadram em diferentes períodos de tempo.

A relevância do trabalho mostra-se na possibilidade de ampliar a perspectiva de futuros estudos japoneses, evidenciando a maior ênfase na pluralidade e multiculturalidade do Japão presente em estudos atuais. Além disso, busca incentivar um olhar crítico mais atualizado em relação a materiais anteriores sobre o assunto.

Para isso, obras antigas e modernas são utilizadas como base de análise bibliográfica. No segundo capítulo, são apresentadas as perspectivas atuais sobre a cultura japonesa, o povo japonês, e os problemas de apagamento cultural e étnico que estudos baseados em *nihonjinron* geram. As principais fontes de análise são os

trabalhos de Sugimoto (2009), Befu (2009) e Kuwayama (2009), encontrados no livro *The Cambridge Companion to Modern Japanese Culture*.

No terceiro capítulo, é feita uma análise crítica de *O Crisântemo e a Espada*, de Ruth Benedict, por meio de estudo comparativo. Escrito durante o fim da Segunda Guerra, o livro se propõe a definir como seriam os japoneses como povo e sociedade, a fim de auxiliar a população e o governo americanos na compreensão do povo japonês durante o período de guerra e rendição. Nele são descritos desde acontecimentos históricos até teorias antropológicas e culturais. Esse livro foi escolhido para a análise por ser uma obra baseada em *nihonjinron* bastante emblemática e conhecida mundialmente tanto por estudiosos quanto pelo grande público. Possuindo vários dos métodos, abordagens e conceitos comuns aos trabalhos baseados nas teorias de singularidade japonesa, objetiva-se mostrar através dela como funcionavam e ainda funcionam as obras baseadas em *nihonjinron*, e como os estudos modernos com percepções plurais sobre o Japão posicionam-se perante elas.

Apresenta-se primeiramente uma contextualização da obra em relação à época em que foi escrita. Então, é feita uma análise crítica de três pontos-chave: a metodologia de pesquisa aplicada; a construção do Japão baseada na oposição entre ele e os Estados Unidos; e a utilização de termos nativos como base para definição dos japoneses.

E então, a conclusão reúne as principais diferenças encontradas entre as percepções apresentadas nos dois capítulos, e acentua a importância de observar o Japão em sua pluralidade étnica e cultural.

2 O JAPÃO SOB O OLHAR MODERNO

2.1 A CRIAÇÃO DE UMA IDENTIDADE NACIONAL

Muitos já escreveram para questionar, explorar e tentar definir o que é ‘Japão’, ‘cultura japonesa’ e quem são ‘os japoneses’ (BEFU, 2009). A Era Meiji, de 1868 até 1912, talvez seja o período mais significativo quando se trata do assunto, especialmente de uma construção de identidade cultural japonesa.

Após a política de isolamento do período Tokugawa chegar ao fim em 1868, o Japão passou por um rápido processo de “ocidentalização”. De início, o ideal era abraçar essa mudança completamente, visando um Japão moderno e mais forte. Contudo, uma mudança tão drástica começou a gerar preocupações.

Esses medos vieram à tona em pelo menos três áreas de discussão e política: medo da desordem política, medo da desordem de gênero e preocupação cultural para responder à pergunta: Quem somos “nós japoneses”? (GORDON, 2003, p. 111, tradução nossa)

Diante dessa questão, iniciou-se um processo por parte do governo japonês para resgatar e reformar elementos culturais, e então transformá-los em símbolos “tradicionais” e tipicamente japoneses, além de articularem novos conceitos de “japonicidade”. Esse processo de invenção de tradições, segundo Gordon (2003, p. 109-110), também ocorreu na Europa, com poetas e artistas “voltando-se para o passado para encontrar ou inventar tradições espirituais frente à modernização”.

Além de práticas culturais como teatro *noh*, cultivo de *bonsai*, *ikebana*, judô e sumô, o culto ao imperador e a implantação de um sistema sócio-econômico em seu nome também foram incentivados como “símbolos da tradição japonesa” (ODA, 2011).

A construção do Japão enquanto povo, cultura e nação não limitou-se apenas ao período de modernização da Era Meiji. Após a Segunda Guerra, fez-se necessária uma reinterpretação identitária japonesa. Mudanças territoriais, governamentais, além de alterações na percepção do papel do imperador e na relação do Japão com outros países foram fatores que contribuíram para as novas características identitárias e culturais japonesas.

A mudança territorial é um dos melhores fatores para exemplificação. Em seu período mais expansivo, de 1895 até 1945, “‘Japão’ incluía Taiwan, a metade sul de Sacalina, as Curilas, a Península Coreana e a Micronésia” (BEFU, 2009, p. 23-24).

Com o fim da Segunda Guerra e a perda de territórios antes colonizados pelo Japão, não havia mais a necessidade de enfatizar ideais de miscigenação ou de pan-asianismo (ODA, 2011). Sendo assim, a “cultura japonesa”, antes visando uma melhor assimilação por parte dos povos recém-acoplados ao Japão, agora podia voltar-se para ideias essencialistas de homogeneidade étnica e cultural com mais força.

Posteriormente, essa identidade cultural foi desconstruída e então reconstruída continuamente, até assumir a forma predominante dos dias de hoje. Autoridades governamentais seguem possuindo grande interesse e controle sobre a identidade cultural japonesa. Além disso, há uma crescente influência do mercado e de seus interesses capitalistas na forma como a cultura japonesa é construída e apresentada, já que a mesma acabou tornando-se também um produto.

E durante todas essas transformações pós-Restauração Meiji, um conceito esteve sempre presente: o *nihonjinron* (日本人論), ou seja, *teorias da singularidade cultural ou racial do povo japonês*. Sugimoto (2009, p. 4) aponta que muitos admiradores sentem-se atraídos pelo *nihonjinron* devido a “representações do Japão e dos japoneses como sendo excepcionalmente únicos e fundamentalmente diferentes de sociedades e pessoas ocidentais”.

Os autores que apoiavam tais teorias buscavam “identificar novamente uma essência imutável e única à cultura japonesa” (BEFU, 2001, apud ODA, 2011, p. 109), através de critérios como formação biológica, desenvolvimento cultural pré-histórico, língua, qualidades estéticas e literárias, relações humanas, entre outros (BEFU, 2009, p. 26). O movimento, datado de meados da Era Meiji, incluiu pensadores como Miyake Setsurei, Okakura Tenshin e Ernest Fenellosa, e então floresceu novamente nos anos 1980 (GORDON, 2003).

Oda (2011, p. 109) aponta que autores dessa época, como Takeo Doi e Chu Nakane, foram grandes divulgadores dessas teorias, e que muitas vezes resgataram diversas ideias de *O Crisântemo e a Espada*, de Ruth Benedict, sendo o peso dessa obra como referência um dos motivos pelos quais ela foi escolhida para uma análise mais detalhada no terceiro capítulo deste trabalho. Contudo, apesar de fazer-se presente desde a Era Meiji até os dias de hoje e possuir diversos autores propagando-o, o *nihonjinron* é um conjunto de teorias que, principalmente em dias atuais, é apontado como possuindo preceitos e características controversas e até problemáticas.

2.2 AS PROBLEMÁTICAS DO *NIHONJINRON*

2.2.1 APAGAMENTO DE MINORIAS

O nacionalismo japonês pós-Restauração Meiji “foi um que idealizou homogeneidade cultural e racial como a base do Estado-nação” (WEINER, 2009, p.1). O *nihonjinron* foi parte disso, propagando ideais essencialistas e difundindo a imagem do Japão como uma nação única e monocultural. Contudo, isso não significava que o Japão fosse de fato uma nação étnica e culturalmente homogênea. A formulação de quem são os japoneses deveria preceder a de qual seria a sua cultura. E apesar de ser uma nação multiétnica e multicultural há muito tempo, apenas o ideal padronizado foi reconhecido. (SUGIMOTO, 2009).

Por exemplo, Befu (2009) aponta que a narrativa cultural da “sazonalidade marcada” japonesa e suas características simbólicas e “tradicionais” só se aplicam na área central do Japão (Kansai-Kanto), enquanto que em áreas periféricas, mudanças sazonais só são parcialmente verdadeiras no máximo. Ele também pontua que crianças de Hokkaido e Okinawa, por exemplo, aprendem na escola sobre um período de florescimento das árvores de cerejeira que não condiz com as realidades de suas regiões, nas quais ocorre em meses diferentes dos “oficiais” (entre Março e Abril). *Tsuyu* (梅雨), a estação das chuvas considerada tão marcante na cultura sazonal japonesa, sequer existe em Hokkaido.

Como foi apontado anteriormente, durante seu período mais expansivo, no século 19, o Japão era constituído de diversas nações que havia colonizado. Na época, Hokkaido e Okinawa eram regiões recém-conquistadas. E, por isso, encontravam-se em uma posição ambígua, cultural e etnicamente, em relação ao resto do Japão.

O “Japão” daquela época era provavelmente o mais multi-étnico e multicultural da história japonesa, já que incluía inúmeros grupos étnicos e raciais nesses territórios. Este fato, contudo, não impediu políticos japoneses e intelectuais de anunciarem um Japão de cultura e população homogênea. (BEFU, 2009, p. 24)

Enquanto idealizava-se a imagem de um Japão homogêneo e monocultural, medidas foram tomadas pelo governo japonês da Era Meiji para infundir ideais condizentes com essa imagem em uma população heterogênea (FUJITANI, 1993

apud WEINER, 2009). Isso significava não apenas implementar a “japonicidade certa” nessas regiões, como também suprimir ou redefinir identidades culturais já existentes nas mesmas.

A imposição de uma única língua japonesa padronizada em todo o território nacional, juntamente com a proibição do uso de suas outras línguas e dialetos regionais específicos, é um exemplo disso. Esse japonês “padrão”, definido pelo Estado e mais próximo do dialeto de Tóquio do que de qualquer outro, foi implementado com obrigatoriedade de 1868 até os dias de hoje (BEFU, 2009).

Concepções essencializadas privilegiam certas regiões do Japão, certos padrões linguísticos, e indivíduos com certos traços de caráter, criando uma estrutura estratificada na qual aqueles que não são tão privilegiados - aqueles que metaforicamente vivem nas ‘periferias’ do Japão, aqueles que falam dialetos e línguas diferentes do japonês ‘padrão’, e aqueles que não preenchem todos os critérios do japonês essencializado - são rebaixados a degraus mais baixos na escada social. (BEFU, 2009, p. 34)

Então, se “os japoneses” apresentados pelos ideais do *nihonjinron* não necessariamente representam os japoneses “reais” em sua totalidade, e se há um apagamento cultural de pessoas devido à propagação desse ideal, então quem seriam, de fato, essas pessoas? Befu (2009, p. 29) aponta que a abordagem convencional de utilizar critérios objetivos, como nascimento, nacionalidade, domínio da língua, “pureza” de sangue e afins, acaba desconsiderando quem não possui uma ou mais dessas características, e que isso “é arbitrário e injusto com vários que se consideram japoneses”.

Um dos grupos de minorias mais antigos é composto por descendentes de párias *eta* e *hinin*, chamados de *burakumin* e considerados pertencentes a uma casta de “impuros”. Apesar de comunidades *burakumin* serem datadas do período Tokugawa (1603-1868), e de que estas tenham sido livres das restrições formais em 1871, eles continuaram vítimas de estigmas que impediram sua completa integração social (NEARY, 2009). Serem originários do Japão pré-modernização não impediu que se tornassem uma minoria social invisibilizada.

Já os Ainu são indígenas do norte do Japão, na região de Hokkaido. Apesar da nomenclatura utilizada parecer natural, por muito tempo esse *status* dos Ainu como um povo indígena do Japão não foi aceito. A oficialização do reconhecimento legal dos Ainu como povo indígena do Japão só ocorreu em 2019.

Para japoneses comuns, o senso comum da grande narrativa do *Nihonjinron* de homogeneidade (Yoshino 1992, Befu 2001) nega aos Ainu uma existência como uma minoria étnica à parte - são considerados ou como

completamente assimilados, ou como biologicamente extintos. (SIDDLÉ, 2009, p. 21)

Sobre Okinawa, Allen (2009, p. 190) descreve que “Okinawa é literalmente multicultural no sentido de que existem muitas culturas nas ilhas Ryūkyū que interagem hoje”. Em um território bastante disputado através da história e ocupado por diversos tipos de pessoas, não é difícil imaginar quão rica é a cultura do lugar. Contudo, Okinawanos sofreram por muito tempo e ainda sofrem com o *status* ambíguo em que se encontram. Assim como os Ainu, é dito que são japoneses e foram assimilados; porém seguiram sendo tratados como inferiores ou até mesmo descartáveis durante a guerra, e então considerados “não-japoneses” após a mesma, durante a ocupação dos Estados Unidos.

Como Taiwan e a península coreana haviam sido anexados ao Japão durante a Era Meiji, pessoas de descendência chinesa e coreana adquiriram *status* de japoneses. Com o fim da Segunda Guerra ocorreu também o fim da colonização japonesa e, nessa época, mais de um milhão dessas pessoas viviam no Japão. Apesar de muitos voltarem para seus países de origem, a maioria permaneceu no Japão com cidadania japonesa, ainda que continuassem vistos com inferioridade por não serem “japoneses puros”. Isso perdurou até o tratado de paz ser assinado em 1952, quando eles perderam seu status legal de japoneses. (BEFU, 2009)

Contudo, isso não significa que houve de fato uma separação clara entre “japoneses” e “outros”. Houveram mulheres e órfãos japoneses etnicamente “puros” que acabaram sendo deixados na China após a Segunda Guerra e lá tiveram descendentes, além de chineses e coreanos que permaneceram no Japão, conseguiram se misturar entre os japoneses étnicos e também tiveram descendentes. Uns, apesar de serem japoneses no sangue, não faziam mais parte da cultura e da sociedade japonesa. Outros, a princípio não necessariamente japoneses em suas etnias, porém crescidos em meio à cultura, inseridos na sociedade e familiarizados com seus costumes e língua. Sendo assim, é possível observar que a ideia do que seria um japonês “puro” tornou-se ambígua.

A questão de *status* legal ou não como japonês também gerou conflitos. Mulheres nascidas de pais japoneses e inseridas na cultura japonesa, caso fossem casadas com coreanos, por exemplo, perdiam seu *status* legal de japonesas. Além disso, até pouco tempo atrás, “uma criança só poderia ser legalmente japonesa se seu pai fosse japonês” (BEFU, 2009, p. 32), ou seja, independentemente da criação

de uma criança, sua aparência ou identificação própria, se fosse filho de uma mãe japonesa e um pai estrangeiro, não poderia ser reconhecida legalmente como japonesa.

Crianças “mestiças” no geral e seu status na sociedade japonesa foram temas muito debatidos pelo governo após a guerra, especialmente as que não conseguiam passar despercebidas entre os “japoneses étnicos”. E a crença de que o Japão era um país com homogeneidade étnica fez crescer um medo em relação aos efeitos que essas crianças mestiças, especialmente as negras, poderiam causar na etnia japonesa. No fim, para o governo, a medida escolhida foi reconhecer as diferenças físicas, porém enfatizando sempre sua japonicidade (FISH, 2009).

A hierarquia das pessoas japonesas sempre foi uma característica saliente nesse contexto: alguns são considerados mais japoneses que outros. É esperado que os ‘menos’ japoneses emulem e adquiram, se possível, características de ‘japoneses puros’. Aqueles que não conseguem, seja por razões biológicas (sangue misto) ou culturais (incapacidade de falar japonês ‘padrão’), estão condenados para sempre à ‘segunda classe’. (BEFU, 2009, p. 33)

Um estudo sobre os japoneses e sua cultura que ignora a existência de todos esses grupos e variações em nome de um “mito de homogeneidade” (FISH, 2009, p. 46) acaba incompleto. Sendo assim, é possível concluir que o ideal essencializado propagado pela vertente do *nihonjinron* busca moldar o povo a partir de uma “cultura japonesa” e de um “tipo” de japonês definida pelo Estado, e não propagar a cultura japonesa construída pelo povo como um todo.

2.2.2 ESSENCIALISMO E SINGULARIDADE

A ideia do Japão como uma nação única não é tão recente. Befu (2009) afirma que, antes mesmo da Segunda Guerra, o Japão já era visto pelos “ocidentais” como um país peculiar e exótico. Através da predominante imagem como *Exotica japonica*, e da “febre do japonismo” que tomou conta do meio artístico ocidental, em especial do impressionismo francês, o Japão tornou-se sinônimo de singularidade.

Isso foi essencial para o crescimento do *nihonjinron* como perspectiva predominante em relação ao Japão. Afinal, “o *nihonjinron* basicamente afirma a singularidade da cultura e do povo japonês, e esclarece as maneiras pelas quais elas são únicas” (BEFU, 2009, p. 25). Anteriormente, foram apresentadas críticas às teorias de japonicidade por ignorarem a heterogeneidade cultural e étnica do Japão,

contudo é importante também mencionar como tais teorias costumam deixar de reconhecer eventos importantes na história japonesa, cruciais para a existência de características propagadas como únicas.

Um exemplo marcante é talvez a maior transformação japonesa, com a introdução da cultura chinesa no Japão no século 4, através da Coréia. Estruturas de governo, sistemas de escrita, arte, arquitetura, entre outros, foram áreas nas quais a influência chinesa afetou o Japão nesse período (BEFU, 2009). Até mesmo o nativo xintoísmo foi rivalizado pelo budismo, que partiu da Índia até a China, de lá para a Coréia e, finalmente, para o Japão. Costumes, festividades e filosofias que moldaram a sociedade japonesa são tidos como únicos, apesar de suas origens.

E esse período de influência chinesa só foi substituído no século 19, durante a Era Meiji, pela ocidental, sendo ela “tão forte quanto ou até mais do que a influência chinesa anterior” (BEFU, 2009, p. 26). Contudo, a visão essencializada do *nihonjinron* não costuma contemplar essas influências e, como afirma, Befu (2009, p. 26), “uma caracterização do Japão que não possa reconhecer estes grandes eventos na história japonesa tem que ser defeituosa”.

O governo japonês, como já foi pontuado, foi e segue sendo um agente cultural crucial e criador do que é visto como cultura. E com o crescimento da indústria e do capitalismo no Japão, emergiu também um outro agente cultural: o “mercado”, que, junto ao Estado, compõe “as duas forças que moldam as orientações culturais dos japoneses” (SUGIMOTO, 2009, p. 12). Ambos tiveram um papel crucial na propagação da ideia de unidade e singularidade da cultura japonesa.

Através de uma grande verba, o Estado consegue estabelecer, manter e expandir a unidade e coletividade nacional em seus interesses, frequentemente mobilizando seletivamente as memórias, mitologias e símbolos históricos [...] O Estado também tem papel principal na forma como a cultura japonesa é apresentada no exterior, porque produtos culturais exportados do Japão - do *mangá* ao *anime*, do *sushi* ao *sudoku* - formam uma grande ferramenta econômica e política para ‘dominação suave’ na competição mundial. (SUGIMOTO, 2009, p. 12-13, tradução nossa)

Sendo assim, o essencialismo, como aponta Befu (2009, p. 34), é o cerne das definições convencionais de “Japão”, incluindo seu povo e sua cultura, sendo apresentadas como se fossem representações verdadeiras. Essas definições são feitas de forma simplista e padronizada, “fazendo injustiça com a realidade da variação, e impõem padrões pelos quais as ‘variantes’ são julgadas como inferiores

e forçadas a se sujeitar ao padrão estabelecido”. E a cultura japonesa, moldada pelo Estado e o mercado tendo em vista seus interesses próprios, é definida e composta por características que dizem serem encontradas na tradição japonesa desde tempos imemoriais, ignorando as influências da China e do Ocidente que foram absorvidas pela mesma. A problemática do uso das concepções do *nihonjinron* hoje é que assume-se que tais qualidades essencializadas são uma realidade concreta imutável, falhando em representar a fluidez e o relativismo da cultura japonesa.

2.3 MUDANÇAS NOS DIAS ATUAIS

Em anos recentes, certos aspectos do Japão e dos japoneses vêm mudando. Por exemplo, a partir do fim dos anos 1980, a falta de mão-de-obra gerou um aumento de residentes estrangeiros no Japão, o que diversificou ainda mais a composição étnica do país (TAI, 2009). Contudo, a imagem que a mídia propagava colocava todos em uma só categoria: *gaikokujin* (estrangeiros), e os tratava apenas como operários ou criminosos em potencial, sendo eles constantes alvos de xenofobia.

Além disso, o clima social nacionalista do fim dos anos 1990 e início dos anos 2000 foi marcado por diversos eventos e decisões governamentais polêmicas. Um grande exemplo foi a oficialização e obrigatoriedade de uso da bandeira e do hino nacional japonês (chamados *hinomaru* e *kimigayo*, respectivamente) pelo governo, em 1999. A decisão foi criticada por intelectuais japoneses e grupos de minorias (em especial chineses e coreanos), que apontavam que ambos os símbolos “estavam intimamente associados ao colonialismo e às violências cometidas pelo Japão” (TAKAHASHI, 2005; UKAI, 2005 *apud* ODA, 2011, p. 111). Contudo, como mencionado anteriormente, o governo desejava intensificar as ideias de unidade e coletividade nacional, e a seleção de símbolos históricos e memórias feitas por eles está cristalizada de forma mais aguda no *hinomaru* e no *kimigayo* (SUGIMOTO, 2009).

O governo mostrou-se receptivo a essas tendências nacionalistas, e políticos com agendas nacionalistas se fortaleceram nesse período. Outras decisões polêmicas foram tomadas, como: a aprovação de livros de história revisionistas em 1997, que buscava suavizar os atos do Japão durante a guerra sob a justificativa de que eles estariam livrando-se de uma “consciência histórica autodepreciativa”;

movimentos para legalizar o uso de força militar; e visitas de políticos ao templo Yasukuni, controverso por incluir homenagens a criminosos de guerra (TAI, 2009; ODA, 2011).

Em resposta a isso, aqueles preocupados com minorias étnicas e estrangeiros começaram a agir. As exposições “Japão Multiétnico: A Vida de Estrangeiros Residentes” (*Taminzoku Nihon: Zainichi Gaikokujin no Kurashi*) e “Nação Japonesa Construída: Nacionalidade, Guerra, Discriminação” (*Tsukurareru Nihon Kokumin: Kokuseki, Sensō, Sabetsu*) trataram de assuntos como as vidas culturais de estrangeiros no Japão, a ambiguidade nas classificações de estrangeiros (*gaikokujin*) e japoneses (*nihonjin*), questões de nacionalidade e cidadania, e como isso mudou de acordo com circunstâncias políticas. Houve também a Exibição do Japão Multiétnico (*The Multiethnic Japan Exhibition*), essa sendo a primeira a focar na ideia de multiculturalismo e em mostrar as diversas culturas de diversos grupos étnicos, já que, ainda que museus dessem voz à minorias, o costume era um foco maior em discriminação social (TAI, 2009)

A Exposição Multiétnica do Japão marcou uma nova página na história do Minpaku, que nunca havia realizado uma exposição sobre estrangeiros. Esta instituição nacional de pesquisa, especializada em culturas étnicas, reconheceu a existência de estrangeiros no Japão como portadores de culturas étnicas dignas de serem exibidas ao público. (TAI, 2009, p. 142)

Outra mudança que aconteceu em anos recentes foi o já mencionado reconhecimento dos Ainu como grupo étnico. Contudo, o *status* dos Okinawanos como grupo étnico segue ambíguo (TAI, 2009).

Essas e outras atividades de grupos de minorias, o crescimento no número de imigrantes e na miscigenação, além do aumento da consciência étnica ao redor do mundo acabou gerando uma mudança de percepção, com a visão do Japão como “sociedade monocultural” perdendo força, e a do Japão como uma sociedade multiétnica e multicultural crescendo (SUGIMOTO, 2009). A manifestação de minorias étnicas em busca de direitos não é recente, então é muito provável que fatores como a consciência étnica mundial e a globalização intensa, além do ativismo online, sejam os fatores decisivos para essa mudança mais expressiva. Isso é mais evidente quando observamos a mudança no comportamento dos agentes culturais mais influentes até então: o Estado e o mercado.

O mercado se movimenta para tornar a produção cultural japonesa ainda mais globalizada e visível, enquanto o governo japonês utiliza-se do “*cool japan*”

(aspectos do Japão e sua cultura que não-japoneses possam considerar legais, termo cunhado pelo governo japonês e por órgãos comerciais para investir no mercado cultural do Japão) para se estabelecer como líder em poder suave. E é essa preocupação com a posição do Japão na escala global que está fazendo com que ambos precisem passar por transformações radicais, adaptando-se às crescentes variações na nação, preservando sua unidade enquanto acomoda a diversidade, uma forma de defesa ao invés de colapsar (SUGIMOTO, 2009).

Exemplos dessa mudança de postura por parte do governo japonês puderam ser vistos nos Jogos Olímpicos de Tóquio-2020, que ocorreram em 2021. Um dos três lemas principais para promover o evento foi “Cada um de nós reconhece-se mutuamente (Diversidade e Harmonia)”. Além disso, a tenista profissional Naomi Osaka foi escolhida para acender a pira olímpica. Sendo ela filha de mãe japonesa e pai haitiano, há alguns anos atrás sequer poderia naturalizar-se oficialmente como japonesa. Uma mulher negra, que não pode se misturar entre os “japoneses étnicos” como fizeram diversos chineses e coreanos em seu processo de adaptação no pós-guerra, representando mundialmente o hoje crescente número de japoneses negros.

E apesar das controvérsias dos Jogos Olímpicos e dos questionamentos em relação ao comitê olímpico, é importante pontuar que, a contragosto ou não, um número crescente de políticos, burocratas e líderes de negócios está aceitando que seria melhor administrar a nação tendo em mente que ela é cheia de variações internas (SUGIMOTO, 2009).

Em conclusão, é visível uma mudança de percepção em relação ao Japão, sua cultura e seu povo em anos recentes, em esferas políticas, populares, econômicas e globais. E é a partir dessa perspectiva moderna, uma que não mais suporta as narrativas baseadas no *nihonjinron*, que é feita a análise crítica a seguir.

3 ANÁLISE CRÍTICA DE “O CRISÂNTEMO E A ESPADA”

3.1 INTRODUÇÃO À OBRA

Originalmente publicado em 1946, *The Chrysanthemum and the Sword: Patterns of Japanese Culture* é fruto de um pedido do Escritório de Informações de Guerra dos Estados Unidos em Junho de 1944 para que a autora, Ruth Benedict, se utilizasse de seus conhecimentos como antropóloga cultural para analisar padrões básicos da cultura japonesa. Assim, os militares, governantes e cidadãos dos EUA poderiam saber o que esperar e também compreender melhor as ações de seus oponentes.

O confronto entre os dois países dificultou a pesquisa de Benedict em diversos aspectos. Sem poder realizar um trabalho de campo e sem conhecimento da língua japonesa (FUKUI, 1999), ela utilizou-se principalmente de entrevistas com prisioneiros de guerra e japoneses criados no Japão que estavam residindo nos Estados Unidos naquele período. E apesar de também ter consumido materiais como livros e filmes sobre o Japão e seu povo, produzidos tanto por japoneses quanto por “ocidentais que viveram no Japão”, acreditava que as respostas estavam contidas nas normas e nos valores da cultura japonesa, podendo ser melhor encontradas através de pessoas que a tivessem vivido realmente (BENEDICT, 1972, p. 12-14).

O Crisântemo e a Espada: Padrões da cultura japonesa foi e ainda é uma das principais referências quando se trata de estudos japoneses, além de uma das principais obras baseadas em *nihonjinron*. Em qualquer curso acadêmico de cultura japonesa, o livro é indispensável, sendo inclusive muito utilizado no Japão (FUKUI, 1999).

A obra foi muito criticada e questionada por seu posicionamento orientalista, uso da antropologia como ferramenta de poder colonial, entre outros motivos, mas permanece com longevidade em sua presença nos estudos japoneses feitos atualmente. E o objetivo não é desmerecer completamente o valor de *O Crisântemo e a Espada*, ou de todas as obras similares. Contudo, como foi apontado no capítulo anterior, as ideias do *nihonjinron* não mais se sustentam diante da perspectiva moderna em relação à cultura japonesa (se é que um dia sustentaram-se), e também foram pontuados motivos pelos quais as tais “teorias de singularidade” não

deveriam mais ser utilizadas como verdades absolutas e imutáveis nos dias de hoje. Sendo assim, o objetivo é que seja promovido um olhar mais crítico por parte dos interessados em cultura japonesa, tanto acadêmicos quanto o grande público, em relação a esses materiais mais antigos.

A seguir, serão feitas críticas à obra, focadas em três aspectos mais específicos e tendo em mente essa perspectiva moderna: a metodologia de pesquisa feita pela autora; a construção do Japão baseada na oposição dele perante os EUA; e a utilização de termos nativos para construção de definições de caráter japonês.

3.2 METODOLOGIA DE PESQUISA

Como dito anteriormente, o conflito entre Japão e Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial causou certas desvantagens para Benedict no processo de pesquisa de seu estudo antropológico-cultural. Afinal, não pôde ir ao país, e também não falava o idioma japonês. Porém, estando Benedict ciente das circunstâncias e limitações de sua pesquisa, as generalizações do povo e da cultura japonesa feitas durante toda a obra tornam-se questionáveis.

Watsuji (2016, p. 38) aponta a ambiguidade dos dados trazidos por Benedict que servem como base para suas definições de japonicidade, afirmando que a autora traça conclusões super-generalizadas a partir de tais dados, e que seria possível listar o mesmo número de dados opostos que tornariam as conclusões tomadas por ela impossíveis.

Se os estudos diminuíssem o escopo da pesquisa, limitando-se a buscar um padrão de características e definições somente para o grupo com o qual ela teve contato e o qual utilizou como base (soldados e prisioneiros de guerra japoneses, ou japoneses residindo nos Estados Unidos), a generalização deixaria de ser um problema tão marcante.

Mas quando se trata de verificar “o modo de pensar dos japoneses” ou “padrões de cultura” baseados em tais estudos, deve haver um entendimento claro de como tais fatos parciais estão relacionados ao todo. Contudo, a autora vê a natureza do todo **diretamente** através de fatos parciais. (WATSUJI, 2016, p. 38)

A questão da generalização do todo com base em um grupo pequeno não é incomum em obras baseadas em nihonjinron. Como mencionado anteriormente no

segundo capítulo, as concepções essencialistas do *nihonjinron* privilegiam a visão de um grupo e indivíduos específicos, e as utilizam para definir um todo, assumindo então que “as qualidades essencializadas são uma realidade imutável” (BEFU, 2009, p. 34). E como Sugimoto (2009) afirma, a cultura japonesa *moderna* não é apenas diversa e híbrida, mas também sujeita a diversas restrições, sendo elas globais e internas, materiais e imateriais, socioeconômicas e geopolíticas, e assim por diante.

Benedict também utiliza-se de anedotas e relatos isolados, muitas vezes sem fontes concretas, para compor suas definições do que seriam características dos japoneses e sua cultura. Diversas vezes, faz citações como “conforme disse um japonês”, “como diz um escritor” e “Um ocidental, que os conhecia bem, escreveu” (BENEDICT, 1972, p. 90-154), sem fornecer fontes ou referências consistentes, e utilizando as mesmas como base para suas afirmações.

Um exemplo do uso ambíguo de anedotas é a menção ao seguinte relato, narrado por Sir Charles Eliot, sobre uma escolar que procurou um conhecido missionário de Tóquio declarando que desejava tornar-se cristã:

Quando lhe indagaram as razões, respondeu ela que a sua maior vontade era subir num avião. Ao ser convidada a explicar a ligação entre aviões e o cristianismo, revelou terem-lhe dito que antes de subir num avião deveria ela estar com a mente calma e bem regulada, o que somente era alcançado através do treinamento religioso. Achava que entre as religiões o cristianismo era provavelmente a melhor, por isso viera pedir ensinamento. (ELLIOT, Sir Charles, 1935, p. 286, *apud* BENEDICT, 1972, p. 200)

A partir disso, a autora afirma que “os japoneses não apenas associam mentalmente Cristianismo e aviões, como também o treinamento para alcançar ‘uma mente calma e bem regulada’ com um exame de Pedagogia [...]” (BENEDICT, 1972, p. 200). Ou seja, baseando-se em uma única anedota, no relato de uma pessoa, ela define que “os japoneses”, como um todo, fazem a mesma associação mental entre Cristianismo e aviões. Essa prática repete-se com frequência na obra.

Considerando-se então a ambiguidade de definições super-generalizadas baseadas em uma pesquisa limitada, e a amplitude da cultura japonesa principalmente em tempos modernos, faz-se necessário questionar o motivo de obras fundamentadas em *nihonjinron* como a de Benedict continuarem sendo utilizadas como fontes e bases para diversos estudos sobre cultura japonesa nos dias de hoje.

As limitações e o contexto de guerra também manifestaram-se na forma como Benedict definiu as características dos japoneses. Ela afirma que “todas as maneiras

pelas quais os japoneses afastavam-se das convenções ocidentais de guerra constituíam dados relativos à sua visão da existência e às suas convicções do dever integral do homem” (BENEDICT, 1972, p. 25-26).

Watsuji (2016) aponta que a autora utilizou ações militares do Japão durante a guerra como base de dados para compreender o ponto de vista e as crenças dos japoneses, e que a maioria da população não apenas não cometeu os atos dos militares, como sequer sabia sobre eles. Ele ainda argumenta que, se fosse algo generalizado e a população como um todo concordasse com tais atitudes, não haveriam motivos para o governo, os militares, seus familiares e apoiadores tentarem escondê-las do povo através de propostas de revisionismo histórico.

Por fim, questiona “se nós podemos ou não considerar tais pessoas como representantes ‘dos japoneses’ [...]” (WATSUJI, 2016, p. 40), uma declaração que pode estender-se para a metodologia dessa obra e de vários outros autores do *nihonjinron* quando utilizam um grupo seletivo e “ideal” para definirem o todo.

3.3 O JAPÃO COMO OPOSIÇÃO

Ainda no contexto de guerra, é importante ressaltar que, para os americanos (o público-alvo do livro, como aponta a própria autora), o Japão não era apenas mais uma nação em guerra: ele era um oponente direto dos Estados Unidos durante o conflito. É essa situação que fez com que o Escritório de Informações de Guerra dos Estados Unidos encomendasse um material antropológico-cultural sobre o Japão à Benedict.

Contudo, isso também resultou na construção do Japão como uma nação em oposição aos EUA. Em diversos momentos do livro, Benedict enfatiza essa oposição entre as nações, inclusive recriminando os japoneses em certos momentos, enquanto coloca as motivações americanas em perspectiva mais justificável e até moralmente elevada.

Por exemplo, ao polarizar as motivações de cada nação para participação na guerra, afirma que “a América fez guerra às agressões do Eixo”, enquanto que o Japão teria sido movido pelo desejo de estabelecer uma hierarquia mundial na qual eles estariam no topo. A fé e confiança na hierarquia, característica dos japoneses, “contraria a natureza dos americanos voltada para a igualdade” (BENEDICT, 1972, p. 26-27).

Não podiam exigir das outras nações o mesmo que de si próprios. Não atinaram que o sistema de moralidade japonesa que os condicionara a “aceitar a devida posição” era algo com que não poderiam contar no exterior. Os outros países não o tinham. É um produto genuíno do Japão. (BENEDICT, 1972, p. 85)

Em outro momento, afirma que os japoneses não veem o Estado como um “mal necessário” como se faz nos EUA, e sim como “o bem supremo” (BENEDICT, 1972, p. 77), o que não contempla as revoltas, movimentos trabalhistas e até anárquicos organizados por parte do povo japonês da época. Põe em contraste as percepções de ambos perante ideias como competitividade, política e amor romântico. Caracteriza os EUA como uma nação baseada em culpa e o Japão baseado em vergonha. Coloca o prólogo do Edito aos Soldados Marinheiros como “equivalente japonês dos prólogos americanos que mencionam Washington, Jefferson e os Pais da Pátria” (BENEDICT, 1972, p. 181).

Ocorre também a oposição do Japão em relação ao Ocidente, este sendo quase intercambiável com os EUA em diversos trechos. As histórias ocidentais tratam de conflitos de “bem *versus* mal”, onde deve haver um final feliz e os bons devem ser recompensados. Já as histórias japonesas tratam de conflitos entre obrigações distintas, iniciativa e determinação implacável, pois, segundo a autora, “o fato é que não consideram a vida humana como um palco onde as forças do bem lutam contra as do mal” (BENEDICT, 1972, p. 169-170).

Tais construções possuem diversas questões problemáticas. Sugimoto (2009, p. 25) caracteriza essa visão do Japão como o “oposto de si mesmo” por parte dos americanos como tendenciosa. Cita ainda o uso de definições como “os americanos devem ser individualistas, enquanto é dito que os japoneses são coletivistas”, sendo esse coletivismo desmerecido em comparação com o individualismo. Várias obras do *nihonjinron* utilizam-se desse tipo de definição, incluindo *O Crisântemo e a Espada*, no tópico de culturas de vergonha *versus* culpa (BENEDICT, 1972, p. 189).

Já Murayama-Cain (2011) aborda críticas feitas à antropologia como um todo, mas menciona especialmente a construção da imagem de um objeto de estudo como “o Outro” do observador da metrópole. Ela aponta ainda os riscos de estudos como esse reforçarem um discurso colonial, o que nesse caso coloca o Japão pós-guerra (e ocupado por forças americanas) em posição de colonizado, enquanto que os Estados Unidos seriam os detentores de um poder quase colonizador.

Isso nos leva a mais uma problemática dessa narrativa: o Japão construído como apenas um “oposto” dos Estados Unidos, ou até do Ocidente como um todo, é um Japão que se encaixa somente no que a perspectiva americana/ocidental deseja que ele seja. Sugimoto (2009, p. 25) pontua que o “Japão” como visto pelo ocidente é muito diferente do “Japão” que chineses ou coreanos, por exemplo, veriam. Por fim, afirma que “o Japão é inevitavelmente várias coisas para várias nações”.

A troca de “Estados Unidos” por “ocidente” também é questionável, não apenas pela perpetuação da ideia eurocêntrica de orientalismo, mas também pelo dito “ocidente” compreender um número muito extenso de países, culturas e etnias (assim como o “oriente”), sendo assim ambíguo colocá-los como um todo em determinada posição, para então colocar o Japão como seu “oposto”.

Por fim, vale questionar se a singularidade do Japão depende do contraste com os EUA ou o Ocidente, tão frequente nessa e em outras obras do *nihonjinron*. Se o Japão é várias coisas para várias nações, definições que se baseiem somente do ponto de vista de um só país (ou em um só tipo de país) serão inevitavelmente incompletas e tendenciosas. Além disso, como é o Japão por si próprio? Quais são os seus aspectos, características e nuances enquanto nação, e não somente como o antagonista em narrativas de outras nações?

3.4 TERMOS NATIVOS

Benedict utiliza-se de termos em japonês diversas vezes como base para definir imagens e conceitos antropológicos em relação aos japoneses. Por exemplo, afirma que tanto chineses quanto japoneses têm muitas palavras com significado correspondente ao de “obrigações”. Um dos termos mais explorados por ela durante a obra, o “*on*”, é um deles. Sobre palavras correspondentes a “obrigações”, acrescenta que “elas não são sinônimas, e os seus sentidos específicos não têm tradução literal em inglês porque as ideias que expressam nos são estranhas” (BENEDICT, 1972, p. 88).

Além do *on*, apresenta ainda outros termos em japonês que associa a “obrigações japonesas” de diversos tipos e em diversos níveis, como *gimu*, *ko*, *chu*, entre outros. A palavra *ai*, que significa amor, segundo Benedict refere-se especificamente a um amor “de cima para baixo”, e é uma evidência em sua

linguagem de que os superiores eram tidos como sendo “afetuosos” para com seus dependentes no Japão (BENEDICT, 1972, p. 91-102).

Dentre os termos associados a obrigações japonesas está *giri*, e Benedict (1972, p. 115-117) afirma que não há equivalente para ele no inglês e nem em nenhuma outra língua, sendo “caracteristicamente japonês”. Também introduz as expressões *giri para o mundo*, que seria a obrigação de pagar o *on* aos seus semelhantes, e *giri para o nome*, que seria a conservação do próprio nome e reputação, mantendo-os limpos de qualquer acusação. Entretanto, posteriormente, Benedict admite que “os japoneses não têm palavras separadas para o que designo aqui como ‘o giri ligado ao nome’” (BENEDICT, 1972, p. 126).

Kuwayama (2009), ao discutir questões êmicas e éticas em estudos japoneses, critica esse tipo de abordagem. Sobre *O Crisântemo e a Espada*, ele aponta:

Ruth Benedict, por exemplo, em seu livro *O Crisântemo e a Espada*, usou a frase ‘*giri para o nome*’ para explicar o senso japonês de honra. Não existe, contudo, tal expressão em japonês, ainda que a palavra ‘*giri*’ exista por si só e seja usada no dia-a-dia para se referir a ‘obrigação’, ‘dívida’, ‘dever’, e por aí vai. (KUWAYAMA, 2009, p. 41)

Benedict não foi a única autora do *nihonjinron* a utilizar-se dessa ferramenta para reforçar a singularidade japonesa. Em especial, Kuwayama menciona a obra *The Anatomy of Dependence*, de Takeo Doi, como uma que se destaca por depender em excesso de palavras japonesas (principalmente *amae*, nesse caso) para a compreensão da mente japonesa.

Kuwayama aponta defeitos no uso dessa técnica, argumentando que dentro da própria comunidade de nativos, existem interpretações diferentes de uma mesma palavra, e que quando essas palavras são definidas estritamente para objetivos técnicos, tendem a se separar do uso do dia-a-dia, causando confusão.

Também critica o equívoco de estudos como esse quando concluem, segundo ele “de forma precipitada”, que só porque uma palavra em específico só existe em uma língua, a ideia que ela representa também não existe em outros lugares. Afinal, ainda que não houvessem termos equivalentes, as ideias poderiam estar presentes em formas ocultas ou não-verbais.

4 CONCLUSÃO

Através desse trabalho, foram apresentadas as perspectivas anteriores e modernas sobre a cultura japonesa, e as diferenças entre elas. A perspectiva atual enxerga um Japão heterogêneo, multicultural, multiétnico e diverso; A anterior, baseada em *nihonjinron*, possuía uma perspectiva mais essencialista e colocava a cultura japonesa como exótica, singular, homogênea e monocultural. O que a cultura japonesa significava para um único japonês era aplicado em grande escala sem problemas, e a visão centrada na Europa e nos Estados Unidos enxergava os japoneses como os “outros”.

Por muitos anos essa visão prevaleceu, apoiada pelo próprio governo japonês, ainda que já existisse uma diversidade étnica, regional, linguística e cultural no país. Contudo, é possível perceber que houveram mudanças significativas em anos recentes. Grupos de minorias étnicas vêm ganhando mais espaço e voz, e a campanha feita pelo governo durante as Olimpíadas de Tóquio de 2020 enfatizando a diversidade japonesa mostra que a visão do Japão como um país homogêneo está, aos poucos, saindo de cena.

A análise crítica feita à obra *O Crisântemo e a Espada*, a partir dessa perspectiva moderna, mostra que trabalhos baseados em teorias de singularidade e essencialismo possuem noções e metodologias que não mais se encaixam nesse Japão multicultural. Continuar utilizando-as como base de estudos japoneses nos dias de hoje e tomando-as como verdades absolutas mostra-se não apenas insuficiente, já que não contempla a riqueza das diversas nuances do Japão, seu povo e sua cultura, como também vai de encontro às lutas das minorias étnicas, invisibilizando-as.

O Japão hoje não mais se limita aos relatos de grupos “ideais” de japoneses falando por toda a população. Não é apenas o “oposto” de uma nação ou do Ocidente como um todo, e também não se limita ao idioma japonês “padrão”: é muito mais abrangente, com nuances complexas e grandes possibilidades de estudo.

Espera-se que este trabalho seja capaz de incentivar outros estudiosos modernos a continuarem ampliando suas perspectivas de estudo sobre o Japão, compreendendo a importância de explorar o mesmo em sua abrangência e diversidade. Além disso, também espera-se que ele incentive um olhar mais crítico

em relação a obras baseadas em *nihonjinron*, compreendendo suas limitações e objetivos, porém sem deixar de apontar as inconsistências e insuficiências.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Matthew. Okinawa, ambivalence, identity, and Japan. *In*: WEINER, Michael (ed.). **Japan's Minorities: The illusion of homogeneity**. 2. ed. New York: Routledge, 2009. cap. 9, p. 188-205.

BEFU, Harumi. Concepts of Japan, Japanese culture and the Japanese. *In*: SUGIMOTO, Yoshio (ed.). **The Cambridge Companion to Modern Japanese Culture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. cap. 1, p. 21-37.

BENEDICT, Ruth. **O Crisântemo e a Espada: Padrões da Cultura Japonesa**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FISH, Robert A. 'Mixed-blood' Japanese: A reconsideration of race and purity in Japan. *In*: WEINER, Michael (ed.). **Japan's Minorities: The illusion of homogeneity**. 2. ed. New York: Routledge, 2009. cap. 3, p. 40-58.

FUKUI, Nanako. BACKGROUND RESEARCH FOR "THE CHRYSANTHEMUM AND THE SWORD". **Dialectical Anthropology**, [s. l.], v. 24, n. 2, p. 173–180, 1999. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/29790599>. Acesso em: 14 jun. 2022.

GORDON, Andrew. **A Modern History of Japan: From Tokugawa Times to the Present**. New York: Oxford University Press, 2003.

KUWAYAMA, Takami. Japan's emic conceptions. *In*: SUGIMOTO, Yoshio (ed.). **The Cambridge Companion to Modern Japanese Culture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. cap. 1, p. 38-55.

MURAYAMA-CAIN, Yumi. The Chrysanthemum No Longer Blooms: The End of Nihonjinron and Theology of Japan. *キリストと世界: 東京基督教大学紀要*, n. 21, p. 31-59, 2011.

NEARY, Ian J. Burakumin in contemporary Japan. *In*: WEINER, Michael (ed.). **Japan's Minorities: The illusion of homogeneity**. 2. ed. New York: Routledge, 2009. cap. 4, p. 59-83.

ODA, Ernani. Interpretações da "cultura japonesa" e seus reflexos no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [s. l.], v. 26, n. 75, p. 103-117, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/HywVGk8pJ76RwPCRmV4JpSS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 jun. 2022.

SIDDLE, Richard M. The Ainu: Indigenous people of Japan. *In*: WEINER, Michael (ed.). **Japan's Minorities**: The illusion of homogeneity. 2. ed. New York: Routledge, 2009. cap. 2, p. 21-39.

SUGIMOTO, Yoshio. 'Japanese culture': An overview. *In*: _____ (ed.). **The Cambridge Companion to Modern Japanese Culture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. p. 1-20.

TAI, Eika. Multiethnic Japan and Nihonjin: Looking through two exhibitions in 2004 Osaka. *In*: WEINER, Michael (ed.). **Japan's Minorities**: The illusion of homogeneity. 2. ed. New York: Routledge, 2009. cap. 7, p. 139-161.

WATSUJI, Tetsurō. Queries on the Scientific Value of The Chrysanthemum and the Sword Classic Japanese Anthropology: Special Issue: Contemplating Ruth Benedict's The Chrysanthemum and the Sword. **Japanese Review of Cultural Anthropology**, v. 17, n. 1, p. 037-046, 2016.

WEINER, Michael. 'Self' and 'other' in imperial Japan. *In*: _____ (ed.). **Japan's Minorities**: The illusion of homogeneity. 2. ed. New York: Routledge, 2009. cap. 1, p. 1-20.

大会ビジョン. Disponível em:

<https://www.tokyo2020.jp/ja/games/games-vision/index.html>. Acesso em: 27 jan. 2022.